

Ensaio

A Psicanálise e as Psicoterapias

Lúcio Roberto Marzagão¹

“Gosto de teorias sobre a vida, mas não tenho tempo para as seguir.
Como poderia viver a olhar constantemente para as receitas de vida?”

Gonçalo M. Tavares, escritor português.

Desde a descoberta do inconsciente e as invenção da Psicanálise enquanto método por parte de Freud há mais de 100 anos, assistimos uma explosão das mais variadas técnicas de “tratamento e cura” das doenças mentais. Esta imensa variedade de métodos de ajuda se multiplicam por cissiparidade mas é curioso observar que o grupo ou pessoa que cria a técnica não consegue abrir mão de alguns conceitos psicanalíticos, ainda que às vezes modelando-os segundo necessidades pessoais, sociais ou até mesmo idiossincrásicas.

Não considero adequado que consideremos o amplo leque de ofertas na área “psi” como equivalentes entre si. Proponho que as diferenças sejam ressaltadas após uma análise epistemológica. Entretanto, antes de discutirmos as questões epistemológicas envolvidas faremos uma pequena digressão.

Quando consultamos o verbete **Psicanálise** no *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis encontraremos que este se define segundo três perspectivas: trata-se de um método de tratamento, de um método de investigação e de uma teoria do psiquismo. A Psicanálise considerada como método de tratamento mudou desde sua efetivação como técnica: considerava

os desvios psicológicos como doença a ser removida da vida do sujeito até os dias atuais, quando encara os objetivos de seu método como instância onde tem lugar um enriquecimento psíquico que por sua vez amplia as opções existenciais. Em outras palavras, o sofrimento psíquico pode ser visto como a manifestação de limitações existenciais que o sujeito abriga.

A segunda perspectiva, método de investigação, apresenta diferenças sensíveis com as psicoterapias. As Psicoterapias, inadvertidamente ou não, adotam suas técnicas de investigação tomando como ponto de partida um referencial positivista, qual seja, visam explicar o psíquico ou o comportamento segundo leis ou princípios gerais que embutem a noção de causa-e-efeito. A Psicanálise ao longo de sua história evoluiu na direção de conceber as manifestações psíquicas como requerendo uma forma de exegese ou hermenêutica de sentidos. Repetindo Habermas, ela entendeu que nos seus primórdios possuía uma inteligência equivocada de si.

Finalmente, a teoria que a Psicanálise procurar criar é permeada pelo conceito de inconsciente. Ou seja, nossas ações, gestos e afetos não se apresentam aos olhos ou escrutínio científico-natural. Como disse Freud, não

somos senhores de nossa própria casa. Já as Psicoterapias possuem um claro viés cognitivo, quando propõem que através de diálogos lógicos seria possível mudar comportamentos e afetos. Este pressuposto epistemológico está na raiz das mais diversas formas de Psicoterapia e nas obras de autoajuda. Enfim, a teorização adotada nas Psicoterapias, seguindo o rigor das ciências positivas, busca a informação sobre os fatos do passado e do presente para prever os fatos futuros. A teoria psicanalítica, desde logo parte da premissa de que o inconsciente – seu conceito basilar – cumpre plenamente sua função de deformar o passado, o presente e o futuro. Segundo Schneider não visa esgotar o saber sobre o sujeito, mas dar origem a

ele. Diz mais: “encaminhamento enganoso e algo louco, em que, de um lado, se reescreve uma vida misturando romance, lenda, mito e história, e, de outro, se refaz uma língua: eis aí duas maneiras de não aceitar vir depois, e de não ter nada a ver com o fato de ser”.

Concluindo. Certa vez fui interpelado sobre como conciliar meu passado – meados da década de 70 – quando me dediquei a experimentos sobre condicionamento animal com meus dias atuais, quando pratico a psicanálise. Respondi que os animais são previsíveis e obedientes e que o ser humano tem dentro de si o fascínio da imprevisibilidade. O animal aprende com a experiência e o ser humano repete e sofre. Daí a Psicanálise. ■

Recebido em: 19/06/2011

Aceito em: 19/06/2011

Sobre o autor:

ⁱ **Lúcio Roberto Marzagão** é professor no Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da UFMG, psicanalista. **E-mail:** lmarzagao@glasstower.com.br